

Homilias quaresmais, com ecos da *Laudato si'*

3

Quaresma

Renunciar para partilhar: ou a sabedoria da esmola

Regressemos ao evangelho de Mateus, de quarta-feira de cinzas, com o qual se abriu o tempo penitencial da Quaresma. Jesus dá indicações sobre as três práticas que marcam a disciplina da vida cristã: o jejum como disciplina do desejo de posse e de apropriação; a oração como encontro interior com o Pai, que nos fala no segredo; e a esmola como renúncia a bens que nos satisfazem e que se partilham. Como comunhão solidária nas próprias carências. A novidade evangélica aponta para uma dimensão interior, de segredo e discrição; esse não buscar reconhecimento imediato, entregando tudo ao olhar silencioso de Deus, que vê o segredo dos corações: «Quando deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a direita, para que a tua esmola fique em segredo; e teu Pai, que vê o que está oculto, te dará a recompensa» (Mt 6,3-4).

Convém fazer aqui um reparo: a esmola consiste na partilha de bens. Na renúncia a algo que nos satisfaz, que nos dá prazer, que até nos faz falta, para ser partilhado e constituir ajuda a outros, por ventura em estado de maior necessidade e carência. A esmola como uma pequena moeda que damos (por vezes, a contragosto) a quem, impertinente, nos provoca, seguindo, indiferente às suas carências, o curso da nossa vida, é caricatura. A esmola é uma forma de economia partilhada (economia do dom). Uma privação pessoalmente consentida para acrescentar qualidade de vida a outros, mais vulneráveis, mais carentes. Quando dizemos “esmola” queremos dizer “partilha material, em bens ou em dinheiro”. Um modo de experimentarmos a não satisfação imediata dos nossos desejos, para fazer dessa renúncia um gesto de solidariedade fraterna. Uma forma de atenção às necessidades, carências e urgências de outras pessoas e comunidades. Como escreve o papa Francisco, «uma ecologia integral é feita também de simples gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo. Pelo contrário, o mundo do consumo exacerbado é, simultaneamente, o mundo que maltrata a vida em todas as suas formas» (LS, 230).

A renúncia convertida em esmola pode passar por uma atitude de contenção em relação ao excesso de consumo nas nossas sociedades desenvolvidas, marcadas por uma «cultura do descarté». Esta cultura dominante «afeta tanto os seres humanos excluídos como as coisas que se convertem rapidamente em lixo» (LS, 22). Hoje não podemos deixar de reconhecer que «uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o dos pobres» (LS, 50). A crise ecológica está em relação com injustiça social e económica, com a exclusão e pobreza de tantos seres humanos no mundo atual. Se é certo que as mudanças políticas dependem dos decisores e das organizações internacionais, há pequenas decisões éticas e atitudes solidárias que podem ser treinadas e exercitadas, por cada um de nós, quotidianamente. A prática cristã

da esmola, que o itinerário quaresmal nos propõe, pode ser concretizada, na criatividade das famílias e de cada pessoa, como um modo de renunciar a dimensões de consumo, em benefício de comunidades, instituições ou famílias mais carenciadas, ou que necessitem de concretas ajudas.

Estejamos atentos ao grito dos pobres. E, pela prática da renúncia e da esmola, ofereçamos a nossa colaboração e ajuda. Como expressão de uma economia partilhada, do gratuito da vida que se recebe e partilha.